



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

HOMICÍDIO DE MULHERES NEGRAS EM PELOTAS: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL  
DOS CRIMES ENTRE OS ANOS DE 2010 À 2016

Carolina Freitas de Oliveira Silva

carolinafgoliveira@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

A violência contra a mulher pode ocorrer de várias formas em diversos contextos. No Brasil, a partir do ano de 2015, o crime de homicídio que é motivado pelo gênero da vítima é compreendido como femicídio. Porém, apesar dos avanços alcançados no país no que se refere ao respeito e tratamento igualitários entre mulheres e homens, com a criação de políticas públicas e mecanismos jurídicos que buscam proteger suas vidas como a Lei Maria da Penha e a Lei do Femicídio, o que se nota é que estas medidas ainda são necessárias dada a grande ocorrência de violência de gênero. Desta forma, este trabalho, propõe-se a analisar os homicídios de mulheres negras ocorridos entre os anos de 2010 a 2016 na cidade de Pelotas. Localizada ao Sul do Estado do Rio Grande do Sul, o município possui um dos maiores contingentes de população negra do Estado, aproximadamente um quarto da população. Buscou-se centralizar a mulher negra por conta do considerável aumento no número de homicídios cometidos contra esta parcela da população e em razão dos vestígios deixados por uma cultura que desprestigia seus corpos. De acordo com o Mapa da Violência: Homicídios de mulheres no Brasil, do ano de 2015, o número de mulheres negras assassinadas cresceu 54% nos últimos dez anos. Em um levantamento realizado Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, em agosto do ano de 2016, a cidade de Pelotas ocupa o terceiro lugar em número de femicídios, com 22 (vinte e dois) processos em andamento. A partir de uma perspectiva interseccional, esta pesquisa procura compreender a forma como interagem os aspectos de gênero, raça e classe nestas violências, tendo como objetivos, observar como as variáveis influenciam a ocorrência destes crimes, estudar os contextos sociais em que ocorrem, entender como acontece a construção das identidades nestes cenários e identificar como encontram-se os papéis de gênero. Para realizar estas discussões, são utilizados os estudos feministas pós-coloniais, que compreendem o gênero como uma construção performática e procuram reconstruir conceitos existentes a partir de novas conceituações, interseccionalizando raça, classe e gênero. A coleta dos dados e elementos está sendo desenvolvida a partir da pesquisa nos arquivos dos poderes judiciário, policial e nas organizações que atuam na defesa e auxílio de mulheres e famílias vítimas destas violências. Também serão realizadas entrevistas com agentes que trabalham nestes locais e com os familiares das vítimas. Os resultados, ainda preliminares, obtidos através da análise dos dados coletados, apontam que a maior parcela das vítimas mantinha, à época do crime ou anteriormente, algum relacionamento amoroso com os assassinos, que viviam em uma relação violenta e eram pertencentes às classes C e D – evidenciando a maior vulnerabilidade desse grupo.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **ABSTRACT**

Violence against women can take many forms in many contexts. In Brazil, as of 2015, the crime of homicide that is motivated by the gender of the victim is understood as a femicide. However, despite the progress achieved in the country regarding the respect and equal treatment of women and men, with the creation of public policies and legal mechanisms that seek to protect their lives, such as the Maria da Penha Law and the Femicide Law, which it is noted that these measures are still necessary given the high incidence of gender violence. Thus, this paper proposes to analyze the homicides of black women occurred between the years 2010 to 2016 in the city of Pelotas. Located in the south of the State of Rio Grande do Sul, the municipality has one of the largest contingents of black population in the state, approximately a quarter of the population. It was sought to centralize the black woman because of the considerable increase in the number of homicides committed against this part of the population and because of the vestiges left by a culture that discredits their bodies. According to the Map of Violence: Homicides of women in Brazil in 2015, the number of black women murdered has increased by 54% in the last ten years. In a survey conducted by the State Court of the State of Rio Grande do Sul in August 2016, the city of Pelotas occupies the third place in number of femicides, with 22 (twenty-two) cases in process. From an intersectional perspective, this research seeks to understand how gender, race and class aspects interact in these violence, aiming to observe how variables influence the occurrence of these crimes, study the social contexts in which they occur, understand how the construction of the identities in these scenarios and the identification of the gender roles take place. In order to carry out these discussions, post-colonial feminist studies are used, which understand the gender as a performative construction and seek to reconstruct existing concepts from new conceptualizations, intersectionalising race, class and gender. The collection of data and elements is being developed through research in the archives of the judiciary, police and organizations that act in the defense and assistance of women and families who are victims of these violence. Interviews will also be conducted with agents working in these locations and with the victims' families. The preliminary results, obtained through the analysis of the collected data, indicate that the greater part of the victims maintained, at the time of the crime or previously, some loving relationship with the murderers, who lived in a violent relationship and belonged to classes C and D - evidencing the greater vulnerability of this group.

## **Palavras- clave**

Feminicídio, Pelotas, Mulheres negras

## **Keywords**

Femicide, Pelotas, Black women



## I. Introdução

Como na maioria dos países latino-americanos, a violência contra a mulher no Brasil alcança um grande contingente de vítimas a cada ano. O país possui o quinto maior número de assassinatos de mulheres em todo o mundo, ficando atrás de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia (WAISELFISZ, 2015).

Este tipo de violência recebeu atenção estatal a partir de 2006, com a Lei Maria da Penha que criminalizou a violência contra a mulher. No ano de 2011 a lei sofreu alterações, dificultando a desistência do processo pela vítima. Em 2015 foi criada a Lei do Feminicídio (Lei 13.104/95), que considera o crime hediondo e aumenta a pena do acusado em um terço

A violência contra a mulher negra, em especial, tem aumentado significativamente nos últimos dez anos, conforme o importante estudo realizado por Julio Jacob Waiselfisz. Segundo o Mapa da Violência: Homicídios de mulheres no Brasil, o número de mulheres negras assassinadas cresceu 54% nos últimos dez anos. Em contrapartida, o assassinato de mulheres brancas diminuiu 9,8% (SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICA PARA AS MULHERES, 2015, pg.32).

Neste sentido, este artigo traz as primeiras construções realizadas na pesquisa que procura investigar os feminicídios que ocorreram na cidade de Pelotas entre os anos de 2012 à 2016. A cidade de Pelotas situa-se no sul do estado do Rio Grande do Sul, possuindo 328.275 mil habitantes, sendo a maior cidade daquela região. E, em um viés interseccional, entender de que forma as variáveis gênero, classe, raça são compreendidas nestas violências. Objetiva-se observar como as variáveis influenciam a ocorrência destes crimes, estudar os contextos sociais em que ocorrem, entender como acontece a construção das identidades nestes cenários e identificar como encontram-se os papéis de gênero.



## II. Marco teórico/Marco conceitual

### Femicídio/feminicídio:

O vocábulo femicídio, conforme Pasinato (2010), foi utilizado pela primeira vez no ano de 1976, no Tribunal Internacional de crimes contra mulheres por Diana Russel e Caputti, constituindo-se em:

Femicídio está no ponto mais extremo do contínuo de terror anti-feminino que inclui uma vasta gama de abusos verbais e físicos, tais como estupro, tortura, escravização sexual (particularmente a prostituição), abuso sexual infantil incestuoso e extra-familiar, espancamento físico e emocional, assédio sexual (ao telefone, na rua, no escritório e na sala de aula), mutilação genital (cliterodectomia, excisão, infibulações), /operações ginecológicas desnecessárias, heterossexualidade forçada, esterilização forçada, maternidade forçada (ao criminalizar a contracepção e o aborto), psicocirurgia, privação de comida para mulheres em algumas culturas, cirurgias cosméticas e outras mutilações em nome do embelezamento. Onde quer que estas formas de terrorismo resultem em mortes, elas se tornam femicídios (“COLETIVAS E ESFERA PÚBLICA NO BRASIL E NO QUEBEC Luís R . Cardoso de Oliveira Brasília Direitos Republicanos , Identidades Coletivas e Esfera Pública no Brasil e no Quebec 1,” 2001)(PASINATO, 2010, p.224, Apud, RUSSEL E CAPUTTI, 1992, p.2).

Na perspectiva das autoras, o crime teria grande abrangência, sendo perpetuado por diversos tipos de atos violentos. seria o último, de diversos anteriores, ato de violência sofrido pela mulher. A partir desta perspectiva, nos femicídios não há ligação com questões classistas e de raça. Os crimes ocorreriam a partir de um *continuum* de violência, tendo como fator relevante para o cometimento o gênero da vítima.

Ao estudar a temática, verificou-se que na teoria encontram-se duas denominações para o assassinato de mulheres, quais sejam, femicídio e feminicídio.

A palavra femicídio foi engendrada por Russel e Redford, advém da expressão inglesa femicide e referia-se aos assassinatos cometidos contra mulheres em razão de seu gênero única e exclusivamente, não estando incluídos quaisquer ligações com marcadores de diferença.



Esta concepção compreende, segundo Pasinato (2011), que a morte destas mulheres não se constitui um evento isolado em suas vidas, “e descrito como um crime cometido por homens contra mulheres, seja em grupos ou individualmente” (PASINATO, 2011, p.230)

Porém, foi com a transposição do termo femicide para o espanhol, que as duas formas despontaram. A nova forma de denominar adveio dos assassinatos de mulheres em Ciudad Juárez, no México, obtendo grande destaque e repercussão internacional, levando a discussão o alcance dos termos.

Proposta Marcela Lagarde, antropóloga e feminista mexicana o uso da palavra feminicídio, seria utilizado para determinar que os assassinatos contra mulheres atingem a humanidade, que “a perpetração dos atos de violência ocorrem em função da impunidade penal” (PASINATO, 2011, p. 232), agregando também os desaparecimentos de mulheres.

Outra defensora da expressão feminicídio é a socióloga mexicana Júlia Monarréz, ao compreender que “as duas raízes da palavra seriam fêmea -mulher- e caedo, caesun- matar. A palavra em latim para mulher seria femina e não femena. Ao unir, então, as palavras chegaríamos a feminicidium, em espanhol, feminicídio.” (MELLO, 2016, p.22)

#### Feminicídio e mulheres negras no Brasil:

Por compreender que no Brasil as mortes de mulheres ocorrem não somente por serem do gênero feminino, mas por estarem inclusos questões que permeiam a raça, classe, religião, orientação política e sexual e por estamos diante de uma situação em que o Estado não cumpre seu dever de proteção à vida e a integridade da mulher, esta pesquisa utiliza o termo feminicídio.

Na análise interseccional do gênero, raça e classe, serão utilizados os conceitos de Avtar Brah, afim de compreender “como se dá a racialização do gênero, e de qual forma a raça ainda atua como um marcador aparente de diferença social”, realizando uma análise das interconexões entre racismo, classe, gênero, sexualidade ou qualquer outro “marcador de diferença que leve em conta a posição dos diferentes racismos entre si.” (BRAH, 2006, p.331).



Em uma perspectiva que procura o vislumbrar o feminismo negro e utilizar as reflexões e observações sobre o legado da luta que estas mulheres compartilham utilizaremos o entendimento de Patrícia Colins. A autora entende que ao longo do tempo, a sociedade formou diferentes estereótipos, atribuídos as mulheres negras, os papéis sociais da “ (i) mãe preta; (ii) a matriarca; (iii) a mãe dependente de políticas de assistência social e (iv) a prostituta”. Segundo a autora, os estereótipos são fontes de violência. (COLLINS apud IPEA, 2011, p.136)

Em um discurso diferente, a autora Deborah King acredita que deve haver uma abordagem mais apropriada para o estudo das mulheres negras, e aponta falhas como a universalidade nas abordagens sobre o tema. Com isso, o estudo propõe-se a abordar estas diferentes facetas do feminismo negro, com o fim de identificar, as representações existentes no cenário proposto.

O feminismo negro brasileiro, é abordado sob a perspectiva de Lélia González no qual entende que a as mulheres negras no Brasil são submetidas a exclusão social, demonstrando que há uma “articulação entre as categorias de raça, classe, sexo e poder para desmascarar as estruturas de dominação de uma sociedade” (CARDOSO, apud GONZALEZ, 2014, p. 972).

#### Feminicídios e identidade:

O processo de formação de identidades ou simplesmente a formação das identidades vem sendo bastante discutido na sociologia, por ser um processo bastante complexo e importante, que compreende a construção do indivíduo como ser político, social, individual, a forma como ele se compreende e como é compreendido pela sociedade, são necessários alguns apontamentos.

É importante pontuar que as primeiras percepções e estudos identitárias tiveram início com as mudanças de bases políticas definidas pelos movimentos sociais do feminismo, racismo e ecologia, no final da década de sessenta. Porém, a construção das identidades pode ser pensada sob diversos aspectos na sociologia.



Segundo Guiddens estas questões surgiram a partir da modernidade, “pois são tempos de maior transitoriedade e em função de que os indivíduos passaram a ter uma maior possibilidade de escolha para escolherem suas identidades, suas preferências” (GUIDDENS apud SANTOS, 2013).

O autor Pierre Bourdieu, entende a formação das identidades, como processos classificatórios a medida que organiza os indivíduos segundo seus *habitus*, que constituem “conjuntos de práticas culturais e hábitos partilhados, mas, e sobretudo, a sistemas de classificação que se desenvolvem no interior dos praticantes” (LIMA DE FARIA, 2006, p. 119), onde, subjetivamente, cria uma predisposição ao indivíduo”, a ter certas atitudes ou preferências que o excluem ou incluem.

Contudo, na perspectiva do autor Stuart Hall (2006) não há que se falar em identidades fixas, elas mudam de acordo com a forma que o indivíduo é interpretado, possibilitando uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação. Além disso, ele entende que elas são formadas “por meio de diferenças e não fora dela, a partir da relação com outro, daquilo que não se é (HALL, 2014, p.110).

Por fim, é importante pontuarmos que no que tange as questões identitárias que permeiam o estudo, partiremos do entendimento de que a identidade não é algo fixo, mas que os indivíduos assumem diferentes identidades, em distintos momentos (HALL, 2006), podendo, ainda, “haver contradições negociadas no seu interior e discrepâncias entre o nível coletivo e o nível individual” (WOODWARD, 2014, p 13-14).



### **III. Metodología**

Optou-se trabalhar com o feminicídio por conta da iminente criação da Lei 13.104/15 que alterou o Código Penal Brasileiro, determinando como crime hediondo o ato de matar uma mulher em razão do seu gênero. A escolha pela cidade de Pelotas ocorreu em função da sua importância na região sul, já que é a maior cidade. Ademais, o município, segundo os números divulgados pelo Tribunal de Justiça do estado, tem o terceiro maior número de processos de feminicídio em andamento, contendo um total de 22 processos.

Em relação ao período a ser estudado, a pesquisa sofreu uma alteração. Diante de uma mudança ocorrida na forma de investigação dos crimes pela Polícia Civil do estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2012. As investigações dos homicídios ocorridos eram realizadas de forma diversa não haviam delegacias especializadas e as mortes podiam ser investigadas por qualquer distrito policial, contrário ao que ocorre agora onde temos delegacias especializadas, para investigar somente homicídios. Por este motivo, optou-se por incluir neste estudo os crimes ocorridos entre os anos de 2012 à 2016.

A coleta de dados foi realizada na Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa da cidade e na 1ª Vara Criminal, a qual é responsável pelo processamento destas demandas. Em consonância com o pensamento de Howard Beker (2008), para que possamos ir além de números oficiais, optou-se por pesquisar também em Organizações Não Governamentais (ONG's) que atuam no auxílio as pessoas e familiares vítimas desta forma de violência.

No tocante as entrevistas, estão realizadas entrevistas com familiares, agentes que trabalham nas ONG's, assim como com os familiares das vítimas. Estas entrevistas são semiestruturadas, pois entende-se que no decorrer da entrevista podem surgir questões importantes, que mereçam atenção por parte do pesquisador.

Após o processo de pesquisa, da coleta dos dados e da realização das entrevistas que se julgam importantes e pertinentes as problematizações deste estudo, parte-se, por fim, à conclusão da



pesquisa e a consequente resposta às questões suscitadas que surgirão a partir da análise do que ficou evidenciado no campo juntando-se ao aporte teórico que reveste este estudo.

#### **IV. Análise e discussão dos dados**



As primeiras análises sobre os crimes de feminicídio, propõem-se de forma quantitativa, trazer uma visão da ocorrência destes crimes no âmbito nacional, estadual e do município de Pelotas. Em relação aos homicídios ocorridos no Brasil, conforme o Mapa da Violência (2015), em 2013 4.451 mulheres foram assassinadas no país cuja a taxa, em 2013 é de 4,8 por 100 mil mulheres. (SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICA PARA AS MULHERES, 2015, p .27).

No Rio Grande do Sul, segundo o levantamento realizado pelo governo estadual e a Secretaria de Segurança Pública, entre os anos de 2012 e 2016, 463 mulheres foram vítimas de feminicídio. Em Pelotas, consoante os dados estatais, no período entre 2012-2016, 11 mulheres foram vitimadas. (SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO RIO GRANDE DO SUL, 2016).

De forma diversa, os documentos de controle interno da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa de Pelotas, regiraram números diferentes nos homicídios. A partir destes documentos, verificou-se que houveram 29 feminicídios, um número três vezes maior que o apresentado pelo governo do estado.

Partindo o olhar para os processos judiciais que julgaram os crimes de homicídio, obtivemos acesso a onze processos, dos quais somente cinco constavam fotografias das vítimas. O que se pode notar, inicialmente, é que a ocorrência deste tipo de crime, em maior número, Nos casos analisados, em sua maioria, as vítimas residiam nas regiões periféricas da cidade, mantinham relação de parentesco ou amorosa com seus agressores/ assassinos. Em aproximadamente sessenta e oito por cento dos crimes, as mulheres eram pertencentes as classes sociais D e E<sup>1</sup>.

## V. Conclusões

---

<sup>1</sup> Utilizamos como base os indicadores sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o instituto, as classes sociais no Brasil são A (renda maior de 15 salários mínimos); B (renda de 05 à 15 salários mínimos); C (renda de 02 à 05 salários mínimos); D ( 01 a 03 salários mínimos); E ( renda de até 01 salário mínimo, conforme: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/pesquisa/23/25888?detalhes=true>.



A violência contra a mulher e os casos de feminicídios tem aumentado nos últimos tempos no Brasil, conforme apresentado no Mapa da Violência – Homicídio de mulheres no Brasil. Nem mesmo a criação de novos mecanismos para coibir estes crimes tem conseguido diminuir este tipo de violência. Ainda, por trás destes crimes existem diferentes formas de preconceitos que auxiliam na continuidade e aumento deste comportamento por parte dos indivíduos.

Partindo para a quantificação dos crimes, pode-se notar que é pertinente o cuidado com os números da violência divulgados pelo governo, dada a existência uma considerável diferença nos resultados.

No panorama qualitativo, que se busca responder as questões referentes à classe, raça e gênero, as análises realizadas dão conta que a maioria das vítimas eram pertencentes as classes sociais D e E e residiam nas áreas periféricas da cidade. Este dado nos leva a acreditar na existência de uma possível relação entre este tipo de crime e a classe social dos indivíduos envolvidos.

Em razão desta ser uma pesquisa em andamento, por fim, é importante frisar os próximos passos da pesquisa se são; (i) o término das entrevistas; e (ii) o término das análises qualitativas que buscam responder as questões que norteiam esta pesquisa.



## VI. Bibliografia

ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. Ed. Blucher. São Paulo. 2009.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. Editora Hucitec. São Paulo: 1993.

BRAH, Avtar. **Diferença diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu (26). Pp.329-376. 2006. Acessado em 15 de março de 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acesso em: 10/02/15.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Amefricanizando o feminismo: O Pensamento de Lélia Gonzalez**. Rev. Estud. Fem. , Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, dezembro de 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2014000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 out. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A editora, 11ª ed. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Organizadoras: Mariana Marcondes...[et.al.]- Brasília: Ipea, 2013.160p: gráfs, tabs.

GONDIM, Linda M.P. e LIMA, Jacob Carlos. **A Pesquisa Como Artesanato Intelectual- Considerações sobre método e bom senso**. Ed. Edufscar, 2006.

LIMA DE FARIA, M. ALMEIDA, R. **A problemática da “identidade” e o lugar do “patrimônio” num mundo crescentemente cosmopolita**. Comunicação e cultura. n.º1. 2006

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª ed. Petrópolis, RJ : Ed. Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso. **Existe violência sem agressão moral?**. Rev. Bras. De Ciências Sociais. Vol.23, nº67. Jun. 2008

SANTOS, Cristina. **O lugar do consumo na problemática identitária contemporânea**. Forum Sociológico [Online], 23 | 2013, posto online no dia 01 Janeiro 2014, consultado 04. Agosto 2016. 2016.

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICA PARA AS MULHERES. **Mapa da violência: homicídios de mulheres no Brasil**. Org.: Julio Waiselfisz. Brasília, ONU, 2015.



WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual** in T. T. da Silva (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis, Editora Vozes, 2005.